Revistas do Porto-«Sol Nascente»

AS POLÉMICAS DE ABEL SALAZAR

por ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS

SOL nascente

Quinzenário cultural de literatura e crí

Comissão directiva: Carlos F. Barroso e J. Soares Lopes

Editor e proprietário: Dilermando Macinho

Redacção e Administração (pces.) Rua do Bonjardim, 629-Porto

Compos. e impr. nas Ofic. O Primeiro de Janeiro

tica - 15 de Abril de 1937 - Número 6

BURGO CASTELHANO quadro a óleo de Domínguez Alvarez

PUBLICA-SE HOJE: BURGO CASTELHANO—quadro a óleo de Domínguez Alvarez ■ MARGINÁLIA: O AMIGO DO POVO — por Castelo Branco Chaves. ■ CONTINUANDO A COMENTAR (A propósito duma carta do Snr. Dr. Abel Salazar) — por Adolfo Casais Monteiro. ■ À MARGEM DO «FEMININO SPORT» — pela Dr.ª M. Emília. ■ NÓS, OS HOMENS — de Hapid Estela. ■ PINGOS DE PENSAMENTO.— de Cruz Malpique. ■ A TÉCNICA DOS ERROS JUDICIÁRIOS E O CASO DREYFUS — por Vasco da Gama Fernandes. ■ TRÍPTICO — sonetos de Alberto Lima. — PANORAMA ARTÍSTICO DE PORTUGAL — II—A POESIA—por Artur Augusto. ■ OSCAR DA SILVA, MODERNISTA — por Aurico Tomaz de Lima. ■ ARTE DE ÉLITES? ARTE POPULAR? — por Artur Justino ■ A MENSAGEM DO MENINO — de Pedro B. Franco. ■ APONTAMENTOS ÁCERCA DE DOIS ASPECTOS DO CINEMA AMERICANO — por Alves Costa. ■ DE SOL A SOL ■ MOVIMENTO EDITORIAL, etc., etc.

UM ESCUDO

As polémicas surgiram no Sol Nascente provando a originalidade dos artigos e despertando grande interesse pela publicação.

Abel Salazar, sempre a par das últimas conquistas da ciência e da filosofia, adoptava-as com excesso de entusiasmo e, ao divulgá-las, tendia para as considerar expressão definitiva e generalizada do saber e das normas do pensamento.

Aconteceu assim com a Caracterologia de Kretchmer. Facilmente aceitou que os autores e os artistas fossem classificados com rigor científico pelos seus biotipos e as suas obras surgiriam imediatamente compreendidas e criticadas.

Como exemplo, o biologista pretendeu traçar na revista «Pensamento» os perfis caracteriológicos de Teixeira de Pascoaes e de Leonardo Coimbra que serviam a sua fobia da Metafísica.

Quando no Sol Nascente, voltou a exaltar a Caracterologia, respondeu-lhe Adolfo Casais Monteiro a discordar da «espécie de panaceia universal» com que a teoria da Escola de Kretchmer era apresentada.

Abel Salazar confessou-se, então, vítima de campanhas caluniosas somente por divulgar e aplicar os conhecimentos científicos actuais.

Casais Monteiro lembrou a injustiça das chocantes condenações de Pascoaes e de Leonardo a que os exageros da aplicação da caracterologia tinham conduzido.

Abel Salazar replicou, insistindo em demolir a figura de Leonardo, e o desacordo de Casais Monteiro manteve uma polémica que ocupou alguns artigos da revista.

A medida do exagero de Abel Salazar pode-nos ser dada, através do seguinte depoimento do historiador Oliveira Marques, escrito para a edição portuguesa do Dicionário Biográfico Universal de Autores de Bompiani, numa nota biográfica que, com justiça, traça a sua personalidade e aprecia a sua obra terminando deste modo:

«Leonardo Coimbra lançou as bases em Portugal de uma filosofia existencial de tipo cristão. Esteve plenamente integrado na sua época e não cultivou formas arcaizantes de pensamento como tem sido vulgar na filosofia e na cultura portuguesa.

Mas o seu maior interesse vemo-lo como professor.

Criou escola. E deixou discípulos atentos e persistentes no culto da sua memória e da sua obra».

A polémica de Abel Salazar com Casais Monteiro teve um aspecto muito positivo.

Casais Monteiro, de modo directo e frontal, critica o mentor dum largo sector juvenil, considerando que os ensaios de Abel Salazar «raramente são acessíveis senão a uma reduzidíssima minoria», não por dificuldade própria dos assuntos mas por «falta de método», «redacção apressada», dispersão, e falta de desenvolvimento das ideias expostas».

Abel Salazar, embora prezasse muito a sua missão divulgadora, reage como verdadeiro cientista a esta crítica.

«É exacto, por exemplo, que alguns dos meus artigos não foram suficientemente revistos, que não têm uma unidade perfeita de desenvolvimento, que são, por vezes, aqui e além excessivamente condensados, que o assunto me apaixona e arrasta para fora do campo da vulgarização, que alguns desses artigos flutuam indecisos entre a vulgarização e o trabalho original, que um certo nervosismo se reflecte neles...».

No entanto, na polémica com António Sérgio, também a propósito dum excesso de entusiasmo por uma teoria — desta vez o Neo-Positivismo da Escola de Viena — e estando em causa o conceito de divulgação e a sua prática, Abel Salazar já não mantem a mesma isenção nem a autocrítica dignificante.

O interlocutor é, agora, também, muito diferente. Experimentado e duro polemista mentor não só dum sector juvenil mas duma larga e importante camada de intelectuais.

A polémica representava divergentes orientações das duas personalidades em causa, com grande influência dos elementos que incitavam um e outro.

É um acontecimento importante e complexo que se alongou e alastrou para o «Diabo» e a «Seara Nova» e merece um cuidadoso estudo.

Ressalta, porém, no Sol Nascente, o antagonismo pessoal lamentável de que é suficiente exemplo de chocante exagero o título de um dos artigos de Abel Salazar, — «O «Bluff» António Sérgio...».

5. O OCASO DO PRIMEIRO «SOL»

Abel Salazar, com um sentido prático pouco próprio dum sábio-artista, recomendava ao seu amigo Soares Lopes a maior atenção para a administração da revista.

Revista de público jovem, muitos estudantes com pouco dinheiro e em frequentes mudanças de residência, havendo pois muitos recibos de assinaturas não pagos. Daí o estado deficitário crónico em que a revista se subsistindo.

«O Primeiro de Janeiro» anulou uma ou outra factura da tipografia e, dos «rapazes» do Sol Nascente, o Rafael Silva e o Carlos Espain, que nos ajudaram nesta história da publicação, lembram a solidariedade dos camaradas anarquistas que se traduzia em contribuições que nunca eram negadas — Correia de Sousa e um talhante da Foz, Manuel Pinheiro —. E recordam o episódio pitoresco dos anéis do Dilermando Marinho que foram parar ao «prego» para manter o «Sol Nascente».

O ambiente de dificuldade económica em que assentava era propício a uma mudança.

A proposta partiu de um grupo de Coimbra constituído por Joaquim Namorado, Fernando Pinto Loureiro (que usava o pseudónimo de Rodrigo Soares) e Jofre do Amaral Nogueira, este último o emissário.

Além da oferta duma situação de estabilidade económica, o grupo de Coimbra não escondia o projecto de dar uma nova orientação à revista, servindo de pretexto a falta de interesse na colaboração dos velhos republicanos históricos como Jaime Cirne.

Contavam com a adesão de alguns colaboradores — Afonso Ribeiro, Armando Martins, Mário Dionísio e mesmo de elementos directivos — Manuel de Azevedo e Carlos Barroso.

Com a nova orientação ficava comprometido o princípio básico de união das diversas correntes de opinião contra o regime em acção de esclarecimento e divulgação cultural.

Daí uma dissidência logo marcada pela saída do elemento directivo em que esse princípio de unidade existia em plena coerência com o ideal libertário — José Soares Lopes.

Sem mudança de numeração, com a mesma tipografia e ainda, nominalmente, com a mesma redacção, sai o N.º 27 do II Ano com a data de 1 de Abril de 1938.

É no entanto um novo «Sol» aquele nasce em Coimbra.

6. «SOL NASCENTE», REVISTA DO NEO-REALISMO

No seu livro o Neo-Realismo Libertário Português, Alexandre Pinheiro Torres «repensa» (em 1936) o neo-realismo desta maneira:

«O Congresso do Partido Comunista, realizado em Moscovo em 1934, teve entre outras consequências no nosso meio, e ao nível da militância partidária, a polarização dos intelectuais marxistas portugueses em torno de algumas revistas que surgiram logo nesse ano e no seguinte. Entre elas, pela acção desenvolvida, é de salientar Gleba (Lisboa),, Outro Ritmo (Porto), Agora (Coimbra), Gládio (Lisboa). O Diabo publica-se também na capital a partir de 1934, mas Sol Nascente só três anos depois (1937) no Porto. Estas últimas foram as que estariam destinadas a perdurar, mas ambas deixaram de ser publicadas em 1940».

A revista Outro Ritmo foi uma tentativa, em 1933, dum grupo de alunos do Liceu Rodrigues de Freitas, composto por Artur Andrade, Maximiano Pombo, Fernando Sampaio e Castro, Lobão Vital e Carlos Espain. Este último foi fundador do Sol Nascente em 1937 (Ver suplemento «Cultura e Arte» n.º 22, 3/12/80) e Lobão Vital pertenceu à sua Comissão Directiva do n.º 1 ao n.º 4. É já significativa da influência de Abel Salazar a sua colaboração no número único, com um tema pedagógico, ao lado do seu assistente de Histologia Almerindo Lessa, com um tema arrojado para a época — Educação Sexual dos Rapazes.

Não podia, claro, esta revista académica de 1933 resultar do tal congresso de Moscovo de 1934.

No que respeita ao Sol Nascente, foi, numa primeira fase, a manifestação dum grupo político oposicionista unitário de acção cultural, orientado por Abel Salazar.

Só depois da tomada do Sol Nascente pelo grupo de Coimbra (Joaquim Namorado, Pinto Loureiro e Jofre do Amaral Nogueira) se pode considerar a revista orientada exclusivamente por marxistas, no sentido do chamado «Novo Humanismo» e do «Neo-Realismo», sua expressão literária.

Essa mudança é marcada pela saída de J. Soares Lopes (n.º 27 do ano II, em 1 de Abril de 1938) e está bem definida no editorial que marca a entrada da publicação no terceiro ano, em 1 de Março de 1939(ano em que sai só o número 27, revelando irregularidades de publicação fracasso duma das condições prometidas), nele pode ler-se:

«Sol Nascente surgiu como um quinzenário cultural de orientação um pouco esfumada e imprecisa, limitando-se nos seus primeiros vinte números quase só à missão passiva de «arquivar». Em dado momento, porém, começou a pronunciar-se dentro da revista uma certa linha de pensamento, um certo método... A partir de então,... passou a ter o seu programa concreto e a sua posição intransigente sobre múltiplos problemas. Assim é que reage contra a metafísica e contra o psicologismo, apoiando-se na obra crítica do pensamento diamático; combate pelo neorealismo como forma necessária da humanização da arte...».

A palavra diamática destinava-se a iludir a censura, significando materialismo dialéctico. De resto, sucedia algo de semelhante com o «Neo-Realismo», que encobria a expressão mais exacta de Realismo Socialista.

A palavra «Neo-Realismo», segundo Alexandre Pinheiro Torres, surge pela primeira vez no título de um artigo de Joaquim Namorado no jornal «O Diabo» (n.º 223 em 31/12/38) sobre o escritor brasileiro Amado Fontes.

O editorial que define a nova orientação do Sol Nascente, e em que a expressão «Neo-realismo» é usada pela primeira vez, merece não só o aplauso do semanário «O Diabo», então dirigido por Adolfo Barbosa mas também a classificação de «Grandiosa tarefa» digna de despertar uma «consciência colectiva». É proposto que seja uma obra comum. Assim sucedeu na verdade.

O Sol Nascente, mesmo na sua primeira fase, insere colaboração de teóricos do «Novo Humanismo». Assim, logo no n.º 4, de 15 de Março de 1937, vem publicado um artigo de Mando Martins (pseudónimo de Armando Martins) em que são enunciados alguns princípios do novo movimento, como as afirmações: «Toda a arte é uma deformação subjectiva da realidade... a literatura é um processo dessa deformação» E sobretudo: «O escritor é um produtor de Belezt útil ao serviço da multidão».

Alguns poemas de Mário Dionísio, como «O Poema da Mulher Nova» (no n.º 13), são considerados como das primeiras manifestações do «Neo-Realismo».

Afonso Ribeiro publicou,na primeira fase do Sol Nascente, algumas novelas, mas não são mais do que tímidas tentativas da nova expressão literária. Mesmo do seu livro «Ilusão da Morte», editado em 1938 pela própria revista (na segunda fase) Pinheiro Torres considerou que somente é possível classificar dois dos contos como neo-realistas

Irene Lisboa, sob o pseudónimo de João Falco, enriqueceu a revista com uma vasta colaboração. A expressão literária dessa escritora, rica de conteúdo humano, tem sido considerada como tendo apenas algumas relações de parentesco com o «neo-realismo».

Tudo isto, porém, não amarra ainda o Sol Nascente a uma estética marxista.